

# TRAJETÓRIAS DE VIDA DO POVO PANKARÁ: REAFIRMAÇÕES DA IDENTIDADE ÉTNICA NO SERTÃO PERNAMBUCANO

EDIVÂNIA GRANJA DA SILVA OLIVEIRA<sup>1</sup>

IFSertãoPE, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-6097-6529>

ROBERTO REMÍGIO FLORÊNCIO<sup>2</sup>

IFSertãoPE, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-3590-9022>

CARLOS ALBERTO BATISTA DOS SANTOS<sup>3</sup>

UNEB, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>

---

**RESUMO:** *O presente manuscrito busca evidenciar o processo de afirmação da presença indígena e as relações socioambientais na região da Serra do Arapuá, no sertão pernambucano, enfatizando o papel das lideranças nas mobilizações através das histórias de vidas e ancestralidades. Para tanto, foram acionadas as memórias dos indígenas Pankará da Serra do Arapuá, na perspectiva de uma história indígena discutida a partir das interpretações dos conhecimentos sobre a flora, fauna, os sentidos e significados atribuídos ao Rio São Francisco e as nomeações dos indígenas para os diversos aspectos da Natureza. Na intenção de exercitar a história dos Pankará nas dinâmicas de interação com Ambientes, a Serra do Arapuá – área de Brejo de Altitude – e às margens e ilhas no Rio São Francisco, relacionadas às relações parentais e ambientais que são importantes na afirmação da identidade étnica.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Povos Indígenas; Etnicidade; História; Memória.*

**ABSTRACT:** *This manuscript seeks to highlight the process of affirming the indigenous presence and socio-environmental relations in the Serra do Arapuá, in the Pernambuco hinterland, emphasizing the role of leaders in mobilizations through life stories and ancestry. To this end, the memories of the Pankará indigenous people of Serra do Arapuá were activated in the perspective of an indigenous history discussed from the interpretations of knowledge about the flora, fauna, the senses and meanings attributed to the São Francisco river and the appointments of the indigenous people to the various aspects of Nature. With the intention of exercising the history of the Pankará in the dynamics of interaction with Environments, the Serra do Arapuá - area of Brejo de Altitude and the banks and islands in the São Francisco River, related to parental and environmental relationships that are important in the affirmation of ethnic identity.*

**KEYWORDS:** *Indigenous Peoples; Ethnicity; History; Memory.*

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social (USP); Professora de História no IF Sertão Pernambucano - Campus Petrolina

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UFBA); Professor de Língua Portuguesa IF SertãoPE IF Sertão Pernambucano, campus Petrolina Zona Rural

<sup>3</sup> Doutor em Etnobiologia (UFRPE); Professor Assistente (Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais) UNEB

OLIVEIRA, Edivânia Granja da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 340-357, mai./ago. 2024.

## Introdução

A Serra do Arapuá é um brejo de altitude em meio à Caatinga, localizada no semiárido pernambucano, na região da bacia do Rio São Francisco, em uma área denominada Submédio São Francisco. Está localizada no município de Carnaubeira da Penha, cuja população de 11.782 pessoas, encontra-se assim distribuída: 1.982 pessoas habitando a zona urbana e 9.800 habitam a zona rural, sendo que 96,61% dos moradores da zona rural são indígenas, o que equivale a 9.468 pessoas, segundo o Censo de 2010 (IBGE). A população total do município é composta por 80,35% de indígenas das etnias Atikum (Serra Umã) e Pankará (Serra do Arapuá). Portanto, o município é predominantemente indígena. Em relação a renda, 55% da população possui renda mensal *per capita* de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano/IDH (0,537) e mais de 50% da população sendo beneficiária no Programa Bolsa Família (ANDRADE, 2010; SIGAS-PE, 2013).

Pankará Serrote dos Campos é um povo formado por 95 famílias em área reivindicada na zona rural do município de Nova Itacuruba (PE). A pequena cidade de 4.800 habitantes, segundo Censo 2010 (IBGE, 2010), faz parte da microrregião de Itaparica, possui clima semiárido e vegetação predominante de Caatinga hiperxerófila. Com IDH baixo (0,595), a população do município possui renda *per capita* mensal estimada em dois grandes grupos: até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo (45% da população ocupada) e até 1,8 salário mínimo (13% dos moradores). É antiga área de habitação de grupos étnicos, atualmente habitando a Nova Itacuruba as comunidades quilombolas: Negros do Gilú e Poços dos Cavalos. O povo indígena Pankará Serrote dos Campos e dois novos grupos que estão em processo de emergência étnica, Tuxá Campos e Tuxá Pajéu. Portanto, a Nova Itacuruba é caracterizada pelo baixo índice populacional, poucas oportunidades de trabalho e baixos rendimentos, no entanto, com elevado índice de mobilização étnica, com cinco grupos reivindicando reconhecimentos étnicos, garantias territoriais, direitos à saúde e educação diferenciadas.

## Histórias de vida e memória

As histórias de vidas foram registradas conforme metodologia da História Oral, compreendendo que as memórias são recheadas de subjetividades e de representações formuladas a partir das vivências expressas pela compreensão do passado (ALBERTI, 2004). Assim, concebemos que o passado emerge no presente, “misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 1994, p. 09). Portanto, buscamos compreender os relatos de vida exercitando reflexões sobre os acontecimentos, acionados para compor a “história” dos povos originários que habitam o sertão pernambucano. Por entender que, como Bordieu

(2006), a trajetória de vida compõe aspectos da individualidade, construção social e biológica, tentamos compreender as narrativas das vidas dos Pankará como afirmação da identidade na Serra do Arapuá imbricados nos processos mobilizadores para o reconhecimento étnico, nas garantias de direitos e no acesso à terra.

O Pajé Pankará Pedro Limeira (Pedro Luiz dos Santos), nascido em 1930, afirma ser filho de Luiz Antônio dos Santos, o "índio mais perseguido pelos brancos", conhecido como Luiz Limeira, era também Pajé. O avô, o pai e o entrevistado não estudaram, devido à falta de escolas na aldeia na época. Por isso, é enfático ao abordar a importância das mobilizações dos Pankará pela educação específica e diferenciada. "O povo mais velho não tinha estudo, para aprender alguma coisa, tinha que passar uns dias nas matas, voltava e contava ou fazia as coisas" (PEDRO LUIZ DOS SANTOS, em entrevista em maio/2019).

A família possui a "Ciência do Índio", conhecimento fundamental sobre a ritualística para a afirmação étnica. O pai e o avô da Cacica<sup>4</sup> Dorinha, foram importantes lideranças da Serra do Arapuá que, em parceria com as lideranças da Serra Umã, atuaram ativamente nos processos de mobilizações na Serra da Cacaria (na região da Serra do Arapuá) e na Serra Umã, na década de 1940.

O pai (Luiz Limeira) denunciou as perseguições enfrentadas e reivindicou direitos às terras, através de telegramas, participação de circuitos de trocas ritualísticas e políticas, realizando viagens ritualísticas e de "fugas" em busca de apoio com outros grupos indígenas. Dentre as investidas pelo reconhecimento, enviou, em 1949, uma carta para o Chefe do Posto Indígena Atikum, após viagem a Rodelas (BA), quando recebeu apoio do chefe do Posto Indígena Tuxá, além de orientações para o reconhecimento e proteção do Serviço de Proteção ao Índio – SPI (MENDONÇA, 2012; MENDONÇA, 2013). Em 1952, Luiz Limeira recebeu a visita do antropólogo norte-americano William Hohenthal<sup>5</sup>, o mesmo encontrava-se em Rodelas, no povo Tuxá, na Bahia, quando soube que a Serra Cacaria/Arapuá era local de ritual, de habitação de índios. Ao conhecer a área serrana, descreveu como local favorável, com grande disponibilidade de água, possuindo abundantes artefatos arqueológicos, comprovando que era lugar de indígenas. Por essas razões, deveria ter sido a área adequada para a implantação do Posto Indígena e não a Serra Umã, local desfavorável, com escassez de águas e clima muito seco.

Hohenthal atestou também a existência de, em torno, 1.000 remanescentes de índios Huamué, os índios "Pacará ou Pacarais" habitando as duas serras, Cacaria e Arapuá. Além de realizar denúncia sobre as

---

<sup>4</sup> Optamos pelo uso do termo cacica (feminino de Cacique), por ser utilizado pelas comunidades indígenas locais.

<sup>5</sup> William Dalton Hohenthal Jr foi um pesquisador da Universidade da Califórnia em Berkeley, empreendeu viagem pelo Sertão do São Francisco nos anos de 1951 e 1952 sob a chancela do SPI, com o objetivo de efetuar estudos etnológicos sobre os indígenas dessa região. Durante sua estadia com os grupos indígenas, enviou correspondências para o Chefe do Posto Indígena da I.R.4, sediado em Recife, também produziu relatório para o SPI, enviou "artefatos recolhidos entre os índios, destinados ao Museu de Antropologia da Universidade da Califórnia" (SILVA, 2007, p. 162) e publicou artigo na Revista do Museu Paulista em 1960.

OLIVEIRA, Edivânia Granja da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 340-357, mai./ago. 2024.

perseguições feitas por famílias “poderosas” da cidade de Floresta contra a família do índio Luiz Limeira (HOHENTHAL, 1960, p. 61).

Na cosmologia dos indígenas no Nordeste é fundante a ritualística do Toré e o complexo da Jurema. Segundo o Pajé Pedro Limeira, a Jurema é usada para cura, faz limpeza e fortalece o corpo, contudo, para funcionar tem que ter o ritual, cantar o toante. Explicitou que a função de Pajé não é por indicação, é escolhido pela Natureza. Nascendo diferente, a aprendizagem ocorre pelos “Encantados”, nas matas, o Pajé destaca que não sabe ler e escrever como os irmãos, mas possui a sabedoria (OLIVEIRA, 2014).

Pedro Limeira casou com a índia da Serra Cacaria, Emília Olindina dos Santos. Os filhos foram criados na Cacaria, local de tradição, onde sempre dançaram o Toré no Terreiro Sagrado. Em um estudo, foi evidenciado que D. Emília nasceu na aldeia Roçado, no pé da Serra Cacaria. Os pais eram da Serra do Arapuá, chamavam Olindina Maria de Souza e Olímpio Barbosa de Souza. Desde tenra idade, aprendeu afazeres domésticos, da agricultura e dos rituais. Em um destes rituais, conheceu o seu esposo e, aos 16 anos, casaram-se, em 1949. Da união, resultou o aumento da família, “12 filhos, todos nascidos na Serra do Arapuá, alguns com ajuda das parteiras, outros sozinho. São dez homens e duas mulheres, sendo a filha Maria das Dores (Dorinha), a “nossa Cacica” (D. Emília dos Santos, em entrevista em maio/2019).

O Pajé Pedro Limeira contou que em épocas de grandes secas era obrigado a ir trabalhar em São Paulo ou descia a Serra e plantava cebola nas margens do rio, na condição de meeiro. Desistiu de trabalhar em terras dos outros na “beira do rio” e resolveu plantar somente em suas terras, na Cacaria. Destacou que em períodos de chuva, planta feijão de corda, batata-doce, mandioca e milho. Apresentando os nomes indígenas “Caibora” (feijão-de-corda) e “Atí” (milho), na língua do “Velho Ajucá” (PEDRO LUIZ DOS SANTOS, 2019).

As relações parentais são originárias na Serra Negra, as “raízes” da família do Pajé Pedro Limeira é da Serra Negra e Serra Umã, a bisavô era da família de Chico Lata. Afirmou que a Serra Negra é dele: “eu tinha as frases que veio da Serra Negra para a fazendinha, na Barra do Tarrachil. A Serra Negra é indígena, é nossa. A família da minha esposa, Emília, também tem a raiz na Serra Negra” (PEDRO LUIZ DOS SANTOS, 2019).

Sobre o povo Atikum, o Pajé relatou a conquista pelo reconhecido por conta dos índios das serras Cacaria e Arapuá, especialmente, a família Limeira. Na chegada dos representantes do SPI, os “caboclos” da Serra Umã não conseguiriam realizar um ritual forte; então, a família Limeira foi fortalecer o ritual (PEDRO DOS SANTOS, 2019). Sendo evidenciado em um estudo sobre o povo Atikum as relações parentais, de compadrio e a ritualística com os índios da Serra do Arapuá, reconheceram que a família Limeira e o atual Pajé Pedro Limeira são grandes conhecedores da “ciência do índio” (SILVA, 2007). Confirmando as relações e fluxos ritualísticos entre os habitantes das referidas serras.

Afirmando a presença indígena na Serra do Arapuá/Cacaria, a filha do Pajé Pedro Limeira e de Dona Emília, neta da liderança Luiz Limeira, a Cacica Dorinha, nasceu em junho de 1964, na Serra da Cacaria, e se tornou uma liderança local. “Sempre vivi sob a orientação e no acompanhamento dos rituais praticados pela minha família, sempre estive em contato com as tradições religiosas indígenas” (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, em entrevista em dezembro/2018).

A Cacica afirmou que a família sempre sobreviveu das práticas agrícolas e de artesanato produzidos pelos pais. Sobre a participação no processo de mobilizações dos Pankará, Dorinha afirmou que, em 1998, passou a fazer parte das mobilizações em defesa do seu povo:

A partir de então, eu, junto com as lideranças de meu povo, alcançamos muitas conquistas após enfrentamentos de vários desafios. Considero como um dos maiores desafios enfrentados na minha caminhada, enquanto líder do meu povo, foi a luta pelo reconhecimento do povo, logo em seguida, a conquista pela Saúde e por uma Educação Específicas, que atendesse as necessidades do meu povo. Atualmente, um dos maiores desafios ainda é a demarcação do território, ainda em processo de delimitação. Considero como as maiores dificuldades na minha atuação, como líder do povo, o enfrentamento das constantes ameaças, perseguição e discriminação por parte dos políticos e posseiros que habitam o território da Serra do Arapuá. Mesmo assim, seguirei firme em defesa dos direitos do meu povo (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, dezembro/2018).

A década de 1990 foi considerada um período marcante para o país, com leis e regulamentações renunciadas pela Constituição Brasileira, promulgada em outubro de 1988. Em relação aos indígenas no Sertão do São Francisco, a referida década foi importante pela ocorrência de um acentuado processo de novas ou “retomadas<sup>6</sup>” de mobilizações étnicas. Neste sentido, a Cacica afirmou que participou de forma efetiva no processo da autodenominação dos indígenas, que em companhia do Pai, o Pajé Pedro Limeira, e do Pajé Manoelzinho Caxeado, foram participar do I Encontro Nacional dos Povos Indígenas em Luta pelo Reconhecimento Étnico e Territorial, na cidade de Olinda (PE), em janeiro de 2003.

Destacou que antes da viagem sonhou que andava entre a Serra da Cacaria e do Arapuá, na região do Boqueirão, onde havia muitas flores brancas, borboletas e palavras voando. Havia um jardim e no centro uma palavra, Pankará. Ao chegarem no Encontro, no momento de fazer a identificação do povo, sentiu uma forte dor no peito, lembrou do sonho e do nome, apresentaram o ritual e se autodenominaram *Povo Pankará*, “povo

---

<sup>6</sup> Termo utilizado pelos indígenas do Nordeste relacionado a área que reivindicam como direito ao território. Em Pernambuco também é utilizado para designar o processo de estadualização das escolas indígenas, na mobilização pela autonomia e pelo direito a Educação Específica e Diferenciada (ALMEIDA; SILVA, 2014).

OLIVEIRA, Edivânia Granja da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 340-357, mai./ago. 2024.

resistente”. Então, “alguém de Brasília que participava do evento afirmou que os indígenas na Serra do Arapuá existiam há muitos anos, que tinha registro de documento deles, com o nome Pacará” (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, 2019). Mas, o sonho revelou Pankará e foi escolhido para a identidade do povo.

Após o retorno à Serra, Dorinha continuou o processo de mobilizações com os indígenas do Arapuá e, em junho de 2003, através de um ritual, foi escolhida Cacica, pela Natureza e formado um Conselho Tribal, composto por 12 lideranças. A partir do ritual, foi apresentada aos indígenas da Serra e reconhecida como liderança maior.

O processo de organização política, com escolha de cacicado e de Conselho Tribal, faz parte das práticas de organização política de praticamente todos os povos indígenas no Nordeste, implantado no passado em muitos grupos pelos funcionários do SPI. Dorinha Pankará, além de Cacica, ocupa outros cargos e funções na organização sociopolítica do seu povo. Ela diz sentir orgulho de representar o povo e contribuir na luta junto aos demais povos indígenas do Brasil, “sinto que carrego esta luta como uma Missão de Vida” (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, 2018).

Sobre a condição de mistura, a Cacica afirmou que os índios, ao longo do tempo, misturaram-se com não indígenas. E, próximo a Serra do Arapuá tem o Quilombo Tiririca das Crioulas, com relações parentais e históricas com os Pankará. A afirmação da identidade não é pela aparência física, mas pela preservação da tradição, da cultura e das mobilizações, pois, desde os antepassados, a história é cravada na Aldeia Cacaria, incluindo o nome, da “época em que os índios eram espancados e, muitas vezes, mortos. Eles eram enterrados em jarras (urna funerária) e hoje existem muitos cacos dessas jarras” (GOMES, 2017, não paginado). O avô enfrentou muitas perseguições dos “posseiros”.

Afirmou que, entre 1940 a 1980, os indígenas eram “tratados como escravos”, obrigados a pagar “rendas”. A Serra do Arapuá foi ocupada por famílias poderosas da cidade de Floresta. Os “posseiros” praticavam violências para submissão dos indígenas, mas essas mesmas famílias permanecem agindo para submissão do povo Pankará, com uma nova estratégia: a apropriação da identidade indígena para usurpar o poder do povo, na intenção de fazer a gestão do Território Indígena Pankará. A fala da Cacica entra em concordância com a pesquisa de Hohenthal (1960), registrada em tópico anterior, na história de vida do seu Pai, o Pajé Pedro Limeira.

Dorinha também relatou que atualmente existe uma grande tensão na Serra do Arapuá devido à demora na finalização do processo de demarcação e desintrusão das terras, com ameaças e perseguições. Os não indígenas, denominados pelos Pankará de “posseiros”, estão fazendo investidas e ameaças para os indígenas comprarem as terras que sempre foram habitadas pelas famílias indígenas, nunca saíram da Serra, mesmo quando proibidos, escondiam a identidade indígena e praticavam os rituais sagradas à noite, nas matas e na Serra Umã. Afirmou que quando ocorrer a finalização do

processo de demarcação e desintrusão no Território Pankará, não terá pagamento de indenizações a indígenas, somente aos não indígenas e declarou que existem mais de 70 não indígenas ocupando o Território Pankará.

O processo de demarcação e desintrusão da Terra Indígena Pankará Serra do Arapuá iniciou em 2010, com a emissão da Portaria 413 e o reconhecimento do povo e do Território Serra do Arapuá como área indígena. Com a previsão de delimitação de 15 mil hectares e, em 2014, foi finalizado o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação - FUNAI (RCID<sup>7</sup> - FUNAI), realizando atividades, nomeado de Grupo de Trabalho (GT - FUNAI), com a participação dos Pankará. Relatou a Cacica que após a finalização e entrega do referido relatório pela FUNAI ocorreu acentuada tensão, com constantes ameaças de mortes.

Portanto, o acirramento de conflitos e disputas podem ser interpretados como estratégias dos não indígenas que são representantes das famílias com “posses” na Serra, dominam o poder político local e os Pankará foram e são envolvidos no jogo das disputas por acesso ao poder municipal. Afirmando a Cacica Dorinha, “tem a missão de lutar pelo povo, mesmo perseguida e ameaçada irá cumprir o dever até o final da vida” (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, 2018).

A afirmação da presença indígena na Serra do Arapuá é também afirmada pelo Pajé João Miguel (João Antônio do Nascimento), habitante na região do Agreste, na Serra do Arapuá, nascido em 1962. Declarou que a família é muito boa e muito importante, os avós paternos eram Miguel Rosarinho e Maria de Miguel Rosarinho<sup>8</sup>. Os avós maternos se chamavam Manoel Branco e Antônia Branca. Afirma pertencer à família Amanso, originária das serras Umã e do Arapuá. Viveu a maior parte da vida morando entre essas duas serras, mas destaca que “passava uns tempos na ‘beira’ do rio plantando arroz, feijão e cebola, na Ilha Grande”, no Município de Abaré/BA.

Evidenciou que a família “nasceu nos rituais”. A mãe era “Cabocla Mestre da Jurema”, rezava na Serra do Arapuá, mesmo sendo da Aldeia Olho d’água do Padre, Território Indígena Atikum. Praticavam os rituais às escondidas, sempre à noite, “por causa dos brancos” que não gostavam, “diziam que a gente era feiticeiro, por isso os Terreiros eram todos escondidos, em cima das Serras, nas matas, distantes das casas” (JOÃO ANTÔNIO NASCIMENTO, em entrevista, março/2019).

Sobre o reconhecimento do povo Atikum, descreveu que costumeiramente a família praticava agricultura na Serra Umã, no período de plantio de mamona, fava, milho e feijão, e praticavam os rituais com os

---

<sup>7</sup> O referido documento é parte do processo administrativo demarcatório aberto pela Fundação Nacional do Índio, definido através do Decreto n. 1775/96. É uma peça técnica objetivando o embasamento do processo de reconhecimento de um território indígena (GALLOIS, 2004).

<sup>8</sup> No sertão pernambucano era prática usual a atribuição de nome ou sobrenome do esposo para fazer referência a esposa, como também para diferenciar de outro membro da família que possui o mesmo nome, que com o tempo podia transformar em um outro sobrenome da família. Costume ainda hoje existente, principalmente na zona rural.

OLIVEIRA, Edivânia Granja da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 340-357, mai./ago. 2024.

“caboclos” da Serra Umã. No momento do reconhecimento dos Atikum, não conseguiram fazer um ritual forte e então a família foi morar um tempo na Serra Umã, praticando rituais para fortalecer os “caboclos de lá”. Em relação a Serra do Arapuá, afirmou possuir direitos às terras na “cabeça da Serra”, na Chapada, herança dos mais velhos. Mas, sempre morou no Agreste, em terras arrendadas, plantando de meeiro, trabalhava também de “aluguel” para os “posseiros” e “compadres” (JOÃO ANTÔNIO NASCIMENTO, 2019).

O Pajé reafirmou que vivem da agricultura, plantando milho, feijão, mandioca, andu e batata-doce e que os indígenas não usam nenhum tipo de veneno, apenas esperam o tempo chuvoso para obter boa colheita. Também, a partir do movimento de reconhecimento da “tribo”, passou a ser reconhecido na região como Pajé, recebendo pessoas para rezas e “trabalhos” espirituais. Segundo ele, após o reconhecimento étnico, ocorreu melhoria nas condições do povo e da família, com a conquista de muitos empregos e serviços nas áreas de educação e saúde (JOÃO ANTÔNIO NASCIMENTO, 2019).

Manoel Gonçalo da Silva, conhecido como Neném Pankará, é também uma liderança que representa as práticas tradicionais pela sabedoria e uso dos recursos naturais com finalidade terapêutica e ritualística. Em relação aos cultivos e manejos agrícolas, pratica plantios consorciados e utiliza plantas para o combate de pragas nas roças. Portanto, exercendo práticas de sustentabilidade e de preservação ambiental, como a indicação e fabricação de “garrafadas”, remédios de plantas para curas de doenças e profundo conhecedor das plantas sagradas usadas nos rituais, tornou-se uma referência na Serra do Arapuá e região.

Nasceu no Enjeitado, região entre o Agreste e a Chapada da Serra do Arapuá. E, hoje, aos 57 anos, enfatiza que possui melhor preparo físico do que muita gente mais jovem, o que atribuiu sua disposição e boa saúde aos usos diários de chás e “garrafadas”, preparados com plantas da Serra. Afirma que nunca foi ao médico e nunca fez nenhum exame de laboratório, nunca sentiu nenhum tipo de dor, sensação de mal estar ou doença. E que os conhecimentos são de “herança tribal”. A família sempre foi dos remédios: “Meus avós laboravam com remédios, minha mãe laborava com remédio, meu pai laborava com remédio e eu nasci laborando, fazendo remédio e continuo na mesma cura” (MANOEL GONÇALO DA SILVA, em entrevista em março/2019).

Relatou que antigamente, quando as mulheres e os homens adoeciam de “febre, ferida ou outras doenças, as curas e os remédios eram do mato”. Destacou que “todo remédio do mato nós sabia, os encantados nos ensinavam. Nós aprendemos a fazer, chegava, descia e ensinava a nós como fazer os nossos remédios, nossos médicos, nossos ‘dotôs’ eram os encantado de luz e o pajé” (MANOEL GONÇALO DA SILVA, em entrevista em março/2019).

Sobre a infância e a juventude, narrou que viveu no “mato, nos Toré e nas matas. Era e sou muito cismado, só gosto de viver na mata”. O pai era Acino José da Silva, o avô Gonçalves e a avó Maria Gonçalo. A família é toda

da família Gonçalo, “Gonçalão, Gonçalinho, Gonçalo Vêi, João Gonçalo, Antônio Gonçalo, Neto Gonçalo, João Gonçalo, Antônio Gonçalo”. Reafirmou que a família Gonçalo é da Serra Negra, “vieram pra cá, daqui voltaram pro rio, pra Rodelas, voltaram pra Buíque. É muita história e muito comprida. Em todos os cantos que nós chegamos, tem nosso povo. É tudo parente” (MANOEL GONÇALO DA SILVA, em entrevista em março/2019).

Destacou que a família era muito numerosa. O avô com 12 irmãos “e vieram uma meia dúzia, meu pai veio junto das serras de Umã e do Arapuá”. Todos foram e são perseguidos. Por isso, “em todo canto que chego encontro uma ‘rama’ da família”. Afirmou que a Serra Negra é a mãe de todos os índios da região e, devido às perseguições, os indígenas tiveram que fugir da Serra Negra, “uns foram se esconder na região do atual município de Buíque”. A Serra Negra, devido a sua vegetação de mata fechada, “serviu durante séculos de abrigo a índios, escravos fugidos e fugitivos da justiça” (MAPEOU, 2008, p. 40).

Afirmou o entrevistado que os filhos dos “caboclos”, atualmente os índios Pankará, eram batizados no ritual da Jurema, não eram batizados na Igreja. Não podiam fazer nada, nem podiam plantar e nem fazer farinha, devido às perseguições. E o avô contava que o motivo da saída da Serra Negra foi porque desapareceu uma moça branca. Saíram caçando a moça e não encontraram. A família do avô, os indígenas da Serra Negra, chegaram numa maloca, era uma “loca<sup>9</sup> de pedra, habitada por “Encantados de Luz e da Natureza”, que avisaram para saírem da Serra Negra, pois aconteceria um “derramamento de sangue”. Então, uns ficaram e foram acusados de crime pelo desaparecimento da moça, outros fugiram para a Serra do Arapuá. Os brancos continuaram a perseguição, restando aos índios fugirem para outras serras e para Buíque.

A respeito das relações parentais com os indígenas que habitam a região da Serra Negra, no atual município de Buíque, foi afirmado em pesquisa que os indígenas Kambiwá possuem relações parentais e fluxos culturais com os Pankará (ANDRADE, 2014), tendo a Serra do Arapuá como lugar de refúgios de índios e a Serra Negra sendo a referência da identidade Pankará.

Aqui na serra é um lugar que mais se escondia índio, nunca pegavam. Foi uma persiga grande, os brancos colocaram os escravos pra perseguir a gente, mas aqui eles nunca conseguiram. Mas, hoje, todos nós temos que agradecer a Buíque e a Serra Negra, a nossa identidade, somos de lá (MANOEL GONÇALO DA SILVA, em entrevista em março/2019).

O ancião descreveu que muitas das perseguições eram feitas por negros escravizados, comandadas pelos brancos que se diziam donos das terras: “Negros perseguiram a mando dos brancos”. Mas “agora são tudo

---

<sup>9</sup> Termo popular no sertão que designa um esconderijo embaixo ou entre pedras.

OLIVEIRA, Edivânia Granja da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 340-357, mai./ago. 2024.

braiado, índio com negro ou com branco”. Seu Manoel evidenciou que a mistura da sua família aconteceu a partir da chegada na Serra do Arapuá e Umã, ao misturar-se com outras famílias. Com os Rosa, mesma família dos Atikum que habitam a Serra Umã. Na Serra do Arapuá, a família Gonçalves é uma das mais antigas, misturada com as famílias Caxeado e com os Limeiras. Reforçou que a família é a que tem a história e a verdade, “aqui de lado fica a pedra de Aticum, tem um terreiro. Aqui um caboclo começava dançando o Toré sozinho, ia aparecendo outros caboclos e com três dias aparecia caboclos de todo lado. Aqui é a história e a raiz do povo do Enjeitado, hoje a gente continua na luta, somos fortes” (MANOEL GONÇALO DA SILVA, 2019).

Em relação ao Rio São Francisco, Neném Pankará falou da família (os Gonçalves), que possuíam relações parentais às margens do rio, ao destacar que “um tio viveu toda a vida nos terrenos dos Caribés, perto de Belém do São Francisco”. E, na Velha Itacuruba, morava a família dos Francisco, atualmente os Pankará Serrote dos Campos, na Nova Itacuruba. E os demais familiares dos Francisco foram realocados após a Construção da Barragem de Itaparica, no Projeto Brígida, onde moram seus parentes, João Guarda, Zé Francisco, Valdo e Antônio Francisco. Além de outros parentes que foram realocados na Nova Remanso (BA), onde mora o parente Joaquim Francisco e outros. A origem deste povo é toda do Enjeitado e do Mingu, são todos parentes, como também possui relações parentais com outros grupos indígenas habitantes no sertão do São Francisco.

Reafirmou que são todos parentes e com origens na Serra Negra, foram “braiando” e espalhando pelas regiões das serras e do Rio São Francisco. Com parentes em Pernambuco, nos povos Atikum, Kambiwá e Pankararu, na Bahia, nos povos Tuxá e Tumbalalá. Destacou relações parentais com os negros e brancos “posseiros”. Evidenciou as relações socioambientais às margens do rio São Francisco, afirmou que, em épocas de secas, desciam a Serra para fazer trocas e plantios na beira do rio, num porto próximo à cidade de Belém do São Francisco, para buscar sal e trocavam por banana, castanha, laranja, feijão de corda, fava e andu, cultivos agrícolas da Serra. Continuam cultivando até os dias atuais.

Também praticavam agricultura de vazantes no rio, na região da Velha Itacuruba, plantavam mandioca e batata-doce. Informou práticas extrativistas e artesanais: com a palha de Catolé fabricavam arupemba<sup>10</sup>, cestos e “bocapios<sup>11</sup>”, para carregar produtos ou como objeto de troca na região do Rio São Francisco. Destacou que a planta Catolé é considerada medicinal. Negociavam também penas das canelas de ema, usadas na fabricação de pincéis. Ressaltou que as aves também eram consideradas sagradas, usadas no ritual, mas, atualmente, estão em extinção.

O antropólogo Hohenthal descreve que os indígenas Tuxá usavam o caroá para fabricação de roupas, usadas nas cerimônias religiosas, como também penas de ema, utilizadas nos adornos. As aves eram capturadas na

<sup>10</sup> Peneira de palha das plantas catolé ou buriti, muito usada até os dias atuais na região do sertão nordestino.

<sup>11</sup> Sacola com pequena abertura feita de palha de caroá.

região da Serra do Arapuá ou obtinham dos índios “Pacarás”, habitantes na referida Serra. Portanto, vinculando a Serra como local de habitação de indígenas “Pacarás” e afirmando as relações existentes entre os indígenas Tuxás e os indígenas da Serra do Arapuá (HOHENTHAL, 1960).

Por indígenas e não indígenas, Neném Pankará é reconhecido como grande conhecedor dos usos diversos das plantas, tanto na terapêutica quanto na ritualística do povo Pankará.

A liderança Luciete Pankará afirmou que sua identidade étnica nasceu na Aldeia Mingu, localizada na região da Serra do Catolé/Serra do Arapuá. A origem da família materna é da Aldeia Mingu e esse nome foi atribuído à “mãe-avó” da sua mãe, que era conhecida como Mãe Mingu, uma liderança tradicional. A família paterna é da Aldeia Lagoa, das famílias Souza e Caxeadó. Os avós paternos moraram na Aldeia Água Grande, onde ainda existe a casa dos avós, e o processo de mobilização não denominava os lugares como “aldeias”. O local ou região denominada Água Grande tinha como “posseiro” Totonho Novaes e os avós paternos eram moradores de lá, na condição de meeiros<sup>12</sup> e pagavam ao “posseiro” metade da produção.

Na adolescência, “Íamos para a Aldeia Lagoa fazer farinhada e dançar o Toré no terreiro da casa de tia Amélia e também na casa de tia Osmíndia, na Gameleira”. Luciete ressalta que a tia Osmíndia, mãe de Marineide (apelido Pêdêda), atualmente lidera um grupo de indígenas Pankará na cidade de São Paulo (SP). A prima paterna Chirley Pankará é uma liderança do movimento indígena paulista e, recentemente, foi eleita a primeira Deputada Estadual Indígena no Estado de São Paulo (MARIA LUCIETE LOPES, 2019).

Existem relações parentais com os indígenas Tuxá, em Ibotirama (BA), que foram deslocados da antiga Rodelas devido a construção da Barragem de Itaparica para cidades baianas. Luciete afirmou que a família sempre foi de luta, a militância e a participação em movimentos de mobilização indígena são herança dos antepassados, pois os familiares em todas as épocas lutaram pela terra indígena Pankará da Serra do Arapuá. O tio de seu pai, Emiliano Gameleira, foi uma importante liderança no início do Século XX, na busca pelo reconhecimento como povo da tradição.

A professora descreve sua atuação profissional como atividade importante para a participação de liderança no processo de mobilização étnica e no fortalecimento da Educação Escolar Indígena Pankará. Trabalhou como professora no povo Atikum entre 1997 e 1999, buscando aliar as práticas didáticas ao fortalecimento da cultura indígena. Narrou que realizava com os estudantes, acompanhada por lideranças do povo Atikum, visitas à Serra do Arapuá, à Aldeia Mingu e à região do Alto das Tábuas, com o objetivo de coletar a planta “Caruá” para a confecção de “Cataiobas”, vestimenta feita de Caroá usada pelos indígenas nos rituais e mobilizações,

---

<sup>12</sup> Meeiro ou arrendatário na região do Submédio São Francisco são termos semelhantes. O fazendeiro cedia uma área para o “meeiro” morar com a família e lavrar a terra. O meeiro tinha que investir na preparação, aquisição de sementes ou raízes e no trabalho de plantio e colheita, tendo a obrigação de destinar a metade de toda produção agropastoril para o fazendeiro, como pagamento pelo uso da terra (OLIVEIRA, 2014).

OLIVEIRA, Edivânia Granja da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 340-357, mai./ago. 2024.

por ela considerada a “farda do índio”. Na Serra Umã, na Aldeia Sede, era difícil encontrar o “Caruá”.

Afirmou que a atuação como professora no povo Atikum contribuiu para fazer parte desde o início do movimento de estadualização das escolas indígenas em Pernambuco, através da criação da Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco (COPIPE), na luta de direitos a educação específica, diferenciada e intercultural, como também facilitou o processo de reconhecimento étnico e as mobilizações pela educação e saúde específicas (MARIA LUCIETE LOPES, 2019).

Evidenciou a importante atuação na reorganização política e sociocultural do povo Pankará, através da participação no primeiro estudo antropológico realizado em 1999, objetivando o registro e valorização da “história de ocupação tradicional da Serra do Arapuá pelos Pankará e resultou no reconhecimento étnico em 2003”. Membro da COPIPE, atualmente, Maria Luciete Lopes é considerada liderança da “Tradição” e da educação Pankará, referência na Educação Escolar Indígena em Pernambuco.

O Pajé Manoelzinho Caxeado<sup>13</sup> (Manoel Antônio do Nascimento) nasceu em dezembro de 1942. Relacionou a identidade étnica com o ambiente da Serra do Arapuá, onde habita os Pankará, em Carnaubeira da Penha/PE: “Nasci no torrão da Serra, na Aldeia Lagoa. A mãe índia (parteira) que me pegou tinha muita experiência na reza, oração e tenho orgulho de ser Índio Pankará” (OLIVEIRA, 2014, p. 38). O Pajé evidenciou as relações parentais com o povo Tuxá, pois o avô era parente de Anália Tuxá, mãe de Roque Tuxá. Salientou que os indígenas cada um tinha os conhecimentos dos antigos índios na Serra do Arapuá, com o modo próprio de “conviver e de ser”. E quem “disciplinou” tanto os vizinhos índios Atikum quanto os “caboclos” da Serra do Arapuá foram os indígenas Tuxá, que tinham guardado os primeiros conhecimentos. As Serras Umã e Arapuá são as mesmas origens, é o mesmo povo, a Aldeia Atikum tem nas duas Serras (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2018).

Em um texto sobre a história de vida de Roque Tuxá, foi afirmado que ele morou um período na Serra do Umã com os índios Atikum, no início da década de 1950, quando tinha 19 anos. Ao retornar a Rodelas enfrentou perseguições de “coronéis” que ocuparam as terras. Fugiu e em 1952 ingressou na Companhia de Navegação do São Francisco, na função de marinheiro, trabalhando no trecho Juazeiro (BA) a Pirapora (MG). Estabeleceu residência em Pirapora com quase toda a família “Anália” (denominação atribuída à liderança política e religiosa exercida pela mãe, Anália Tuxá). Atualmente, a liderança sociopolítica e religiosa dos Tuxá é exercida pela neta, Anália Moisés Tuxá, em Pirapora (SANTOS JÚNIOR, 2018). Portanto, Anália Tuxá e Roque Tuxá fazem parte das memórias dos Pankará da Serra do Arapuá, pois são citados como grandes lideranças religiosas, conhecedores da “ciência do índio”.

---

<sup>13</sup>A denominação Caxeado iniciou com o trabalho de construção de caixotes para mel realizado pelo bisavô, morando sazonalmente na Serra do Ararape (Ceará), como também outros membros da família (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2019).

OLIVEIRA, Edivânia Granja da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 340-357, mai./ago. 2024.

O Pajé Manoelzinho Caxeado reafirmou que a história da sua família é a “chave” na Serra do Arapuá, pois é a família que tem mais pessoas na Serra e se expande por toda região do Pajeú, município de Floresta. O avô, Zé Caxeado, era do Olho D’água do Padre, indígena do povo Atikum e casou com uma parente, Maria de Souza, que habitava a Serra do Arapuá, mas toda família era oriunda da vizinha Serra Negra. Destacou a Serra Negra como “a mãe de todos. É o grande tronco-velho, muito importante para os indígenas no Sertão”. Os ancestrais se dispersaram devido a inúmeras perseguições dos brancos.

O Pajé Manoelzinho Caxeado destacou que desde a infância faz usos de plantas, barro e madeira para fazer “os elementos que dão força aos índios, como o cocar, que são feitos de palhas de Catolé, os colares feitos de sementes e os caquis [cachimbo], que são feitos de madeira ou de barro” (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2019). Em relação à “ciência do índio”, o Pajé diz que “a ciência quem tem são os pajés, os mais velhos, (...) a sabedoria e a luta vêm dos ancestrais, bisavós, avós e das histórias vividas por cada índio” (OLIVEIRA, 2014, p. 98).

Evidenciando que as práticas socioculturais são entrelaçadas com o ambiente e histórias familiares cotidianas expressas através das memórias dos indígenas Pankará, o Pajé relatou que o avô narrava que a família Carvalho, oriunda da região de Água Branca, área próxima a Serra do Arapuá, com a desculpa das secas foram subindo a Serra com o gado, tomando as terras: “Mas não foi através de guerras. Iludiam o povo, ofereciam carne ou cavalo e trocavam por terras (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2019). Afirmou que só não perderam as terras aqueles que não aceitaram fazer as trocas, como a sua família. Outra forma que os fazendeiros tomavam as terras dos “caboclos” era no momento da preparação para plantio, pois quando faziam roçados e brocas<sup>14</sup>, aproveitavam para aumentar a área, desmatando terras além do limite da posse. Evidenciando os esbulhos de terras que os indígenas Pankará enfrentaram ao longo do tempo, praticados por famílias representantes da oligarquia na região.

Desde a infância, seu Manoel participava das migrações sazonais nos períodos de secas, quando a família descia a Serra do Arapuá para trabalhar na Fazenda Garrancho, zona rural da Velha Itacuruba, plantando às margens e ilhas do Opará (FLORÊNCIO; Santos, 2023). Nos períodos chuvosos retornavam à Serra.

“Vivi grandes momentos ao lado dos meus avós, com maravilhosas noites no terreiro, deitados em esteiras, ouvia as histórias belíssimas contadas pelo meu avô”, conta Lucélia Leal Cabral (em entrevista, março de 2019). Seu primo, Geraldo Leal Lopes, participou também das migrações sazonais da Serra para a Velha Itacuruba, casando com uma negra da Fazenda Garrancho, área conhecida atualmente como Comunidade

---

<sup>14</sup> Práticas de preparação da terra denominada de roçados e o ato de retirada de ervas daninhas. A broca é a derrubada de árvores, o desmatamento da área que será usada para plantios agrícolas. Práticas realizadas por indígenas, quilombolas e agricultores tradicionais. Formas de manejos agrícolas realizados em todas as regiões brasileiras (SILVA-FORSBERG; FEARNside, 1995).

OLIVEIRA, Edivânia Granja da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 340-357, mai./ago. 2024.

Quilombola Poços dos Cavalos. A família habitava a região de Itacuruba desde a década de 1960, com o estabelecimento de moradias da tia Maria Josefa e esposo, Manoel Miguel, pais de Geraldo Leal, trabalhavam de meeiros plantando arroz. Em 1988, após a construção da Barragem de Itaparica, as terras agricultáveis de Poços dos Cavalos foram inundadas, Geraldo Leal e a família receberam indenizações correspondente aos plantios e foram reassentados na zona urbana da nova Itacuruba.

Lucélia estudou na Serra do Arapuá até a 4ª série do antigo primário (5º ano do Ensino Fundamental). Como não existia outras modalidades de ensino na Serra, foi morar na casa do primo, Geraldo Leal, em Itacuruba, em 1989. Nessa época, com 12 anos, começou a trabalhar nas roças, “alugada” por diária, plantando e colhendo cebola, tomate e feijão. Trabalhava durante o dia e estudava à noite, pois precisava ajudar a família. Em 2001, a mãe e o restante da família estabeleceram moradia na área periférica de Itacuruba, também trabalhando nas roças de “alugados”, por diárias ou vivendo de “biscates”. Sempre ouviu os mais velhos narrarem sobre o Rio São Francisco como local de refúgio e de sobrevivências nas difíceis secas. Também espaço de história, memória e do sagrado, com grande significado espiritual. “O Pajé Pedro Limeira sempre afirmou que a partir da vazão do rio, observado por eles de cima da Serra do Arapuá, sabiam o tempo e se teriam ou não boas colheitas” (LUCÉLIA CABRAL, 2018). A indígena enfatiza que os Pankará do Serrote dos Campos é fruto da mistura, com origens na Serra do Arapuá. “São das famílias Limeira e Caxeado, os ‘truncos velhos’ Pankará e os indígenas do Serrote dos Campos são as ‘pontas de ramas’ Pankará”, resultado do processo de trânsito entre a Serra do Arapuá e o rio em períodos de secas, quando atravessavam o Opará para participar de rituais no povo Tuxá, em Rodelas. Na década de 1980, foram impactados com a Barragem de Itaparica, perdendo seus trabalhos e formas de sobrevivências.

O processo de mobilização para o reconhecimento étnico e a ocupação do Serrote dos Campos foi motivado pela falta de terra para plantios e a práticas ritualísticas, e, como moravam na zona urbana, não possuíam trabalho nem perspectivas de subsistência, pois enfrentavam perseguições e discriminações. Por serem chamados de “feiticeiros ou macumbeiros”, decidiram buscar reconhecimento étnico e a retomada de uma área, reconhecida pelos mais velhos como Território Sagrado, onde usavam barcos para as travessias do povo Tuxá. Consultaram o Pajé Pedro Limeira, que, após ritual, fez a recomendação dos “Encantados” para buscar uma área serrana com antigos cruzeiros, que seriam antigos lugares sagrados, caminhos entre a Serra do Arapuá e Itacuruba.

A Cacica no Território Serrote dos Campos era Dorinha Pankará, quando os Pankará obtiveram o reconhecimento imediato por todas as lideranças da Serra do Arapuá, por pertencerem às “linhagens das famílias dos Pajés Pedro Limeira e Manoelzinho Caxeado” (LUCÉLIA LEAL CABRAL, 2018). Lucélia ressalta que, em 2008, após dois anos do cacicado de Dorinha Pankará, “sob orientação e indicação dos ‘Encantados’, eu fui escolhida a Cacica do povo”.

A identidade étnica foi afirmada por Lucélia através das práticas tradicionais, como uso de ervas para curas, a crença nos “Encantados da Jurema”, nas rezas dos Pajé e benzedeiras, na preservação e cuidado com a “Mãe Terra”. O objetivo do povo Pankará Serrote dos Campos é buscar viver em harmonia com os seres que habitam nossa terra, por isso é *sagrada*, segundo Lucélia Cabral (em entrevista, em dezembro de 2017).

## Considerações finais

As trajetórias de vidas narradas evidenciaram as relações parentais entre o povo Pankará e outros grupos indígenas, especialmente os Atikum, habitantes na Serra Umã, vizinha à Serra do Arapuá. Para tanto, faz-se necessário explicitar o ‘segundo momento do processo de territorialização’, que iniciou na década de 1920, com o reconhecimento pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) dos ‘descendentes’ dos Carnijós por meio da criação de Posto Indígena (P.I.) na área do antigo aldeamento da Missão Ipanema, onde atualmente habitam os Fulni-ô, de Águas Belas/PE. A partir disso, ocorreram várias articulações interétnicas nas décadas de 1930 a 1950, outros povos indígenas passaram a reivindicar o reconhecimento de áreas de antigos aldeamentos e a instalação de postos indígenas, como foi o caso dos Atikum, na Serra Umã, dos Truká da Ilha da Assunção e dos Pankará, na Serra do Arapuá. O ritual do Toré passou a ser o aspecto propulsor, mediador e legitimador étnico conectando o passado e o presente por meio dos “Encantados”, em uma reconstrução identitária junto aos antepassados, de forma metafórica chamados “troncos velhos” para redescobrirem-se nas “pontas de ramas” (ARRUTI, 1996; OLIVEIRA, 2004; FLORÊNCIO, SANTOS, 2023).

É importante ressaltar que motivos semelhantes e a mesma estratégia usada pelos “caboclos” na Serra Umã foram utilizados por outros grupos para a afirmação da identidade indígena no Nordeste, como foi o caso dos “caboclos” da Serra do Arapuá. Neste sentido, os Pankará usam a expressão “braiado” para afirmar a identidade através da mistura com o acionamento do mundo mítico para rememorar a história dos antepassados, os “troncos velhos” com os atuais indígenas, “as pontas de ramas”, afirmados pelos “Encantados” (OLIVEIRA, 2004).

As histórias de vidas dos entrevistados evidenciaram as conexões parentais intra e interétnicas através das narrativas descritas sobre os familiares. Também a importância das práticas tradicionais evidenciadas, como as formas de plantios, os usos dos recursos naturais na terapêutica e o sentido que atribuem às práticas ritualísticas e a sacralidade da “Jurema”.

**Entrevistados(as):**

Lucélia Leal Cabral, 32 anos, (Cacica Pankará Serrote dos Campos). Aldeia Pankará Serrote dos Campos, Nova Itacuruba/PE, em 04/05/17; 05/06/2018 e 25/05/2019.

João Antônio do Nascimento (Pajé João Miguel), 79 anos. Aldeia Marrapé, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 25/05/2019.

Manoel Antônio do Nascimento (Pajé Manoelzinho Caxeado), 77 anos. Aldeia Lagoa, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 19/02/2018, 06/06/2018, 09/05/2019 e 30/06/2019.  
Maria das Dores dos Santos (Cacica Dorinha Pankará), 55 anos. Aldeia Cacaria; Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 25/05/2019.

Manoel Gonçalo da Silva (Neném), 57 anos. Aldeia Marrapé, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 04/03/2018; 21 e 22/04/19; 05/05/2019.

Maria Luciete Lopes, 51 anos. Aldeia Laje, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 25/05/2019.

Pedro dos Santos (Pajé Pedro Limeira), 90 anos, Aldeia Cacaria/Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 25/05/2019.

**REFERÊNCIAS bibliográficas**

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

ANDRADE, L. E. A. **“Nem emergentes, nem ressurgentes, nós somos povos resistentes”:** **território e organização sócio-política entre os Pankará**. Monografia Bacharelado Ciências Sociais – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2010 .

ANDRADE, L. E. A. **“Kapinawá é meu, já tomei, tá tomado”:** **organização social, dinâmicas territoriais e processos identitários entre os Kapinawá**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPB/CCA/CCHLA. João Pessoa, 2014.

ALMEIDA, P. F.; SILVA, R. F. **A retomada da educação escolar pelos índios Pankará**. Polis, 38, p. 01-14, 2014. Disponível em: <<http://polis.revues.org/10049>> Acesso em: 18 mai. 2020.

ARRUTI, J. M. P. A. **O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu**. (Dissertação Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 13ª ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CABRAL, L. L. **Índios Pankará: Entre o Rio São Francisco e a Serra do Arapuá: história, memória e espiritualidade**. Floresta: IF SERTÃO PE, 2018.

FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. **Interculturalidade e (re)existência: Educação Escolar Indígena nas aldeias da região do Opará – Pernambuco**. *Revista Dialogia* (UNINOVE), ISSN 1983-9294, nº 43, 2023.

GALLOIS, D. T. **Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?** In: RICARDO FANY (Org.). **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da natureza – o desafio das sobreposições**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, p.38- 41. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/dgallois-1.pdf](https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/dgallois-1.pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2019.

GOMES, E. **De como a ambição massacra um povo** - Depoimento: Dorinha Pankará. *Revista Continente*, especial da edição 196, abril, 2017, não paginado. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/196/depoimento--dorinha-pankara>>. Acesso em: 25 set. 2017.

HOHENTHAL Jr., W. D. **As tribos indígenas do Médio e Baixo São Francisco**. In: *Revista do Museu Paulista*, nova série, volume XII, p. 37-71, São Paulo: 1960.

IBGE. **Censo 2010**. [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), acesso em: 19 mai. 2020.

MAPEOU, E. **Cativeiros e cotidiano num ambiente rural. O Sertão do Médio São Francisco–Pernambuco (1840-1888)**. Dissertação Mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, UFPE, 2008.

MENDONÇA, C. F. L. **Insurgência política e desobediência epistêmica: movimento descolonial de indígenas e quilombolas na Serra do Arapuá**. Tese Doutorado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, UFPE, 2013.

MENDONÇA et all. **Nossa Serra, nossa terra: identidade e território tradicional Atikum e Pankará**. 2012. Disponível em: <[http://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/Nossa%20Serra%20Nossa%20Terra/nossa\\_serra\\_comclu.pdf](http://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/Nossa%20Serra%20Nossa%20Terra/nossa_serra_comclu.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2013.

OLIVEIRA, E. G. S. **Os índios Pankará na Serra do Arapuá: relações socioambientais no Sertão pernambucano**. Dissertação Mestrado em História, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, UFCG, 2014.

OLIVEIRA, J. P. (Org.). **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

SANTOS JÚNIOR, R. C. **Mestre Roque Moisés, o grande Cacique e Pajé do Povo Tuxá Setaor Bragaga de Pirapora Minas Gerais**. In: Os Brasis e suas memórias. Disponível em: <<https://osbrasisesuasmemorias.com.br/mestreroque-moisés/>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

SILVA, E. H. **Os restos dos índios Sukurú de Cimbres: cultura material, história e identidade indígena no Nordeste entre os anos 1930 e 1950**. CLIO: Série Arqueológica (UFPE), v. 22, p. 149-176, 2007.

SILVA, G. **Chama os Atikum que eles desatam já: práticas terapêuticas, sabedores e poder**. Dissertação Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, UFPE, 2007.

SIGAS-PE. **Sistema de Informação e Gestão da Assistência Social de Pernambuco**. Disponível em: <<http://portalsocial.sedsdh.pe.gov.br/sigas/Arquivos/Tabela%20dos%20Munic%EDpios.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2013.

---

Recebido em: 17/09/2023 \* Aprovado em: 12/03/2024 \* Publicado em: 31/08/2024

---